

O ordinário e o extraordinário na formação de professores no interior de Goiás¹

WOLNEY HONÓRIO FILHO
Professor do Curso de Pedagogia da UFG

RESUMO

O Centro de Formação de Professores Primários de Catalão foi um espaço que absorveu por quase 20 anos de existência professores com escolaridade até o antigo primário, os quais buscavam qualificar-se para implementar suas atividades docentes, bem como para atender às exigências do estado de Goiás. Neste texto, procuramos apresentar um livro, o chamado Livro Diário, onde se imprimiam escritas pessoais, relatando o dia-a-dia do Centro de Formação, a vida cotidiana dos professores em formação, tomando como recorte perspectivas, impressões e interpretações das atividades corriqueiras. Interessa-nos principalmente as representações ordinárias e extraordinárias dessa formação.

Palavras-chave: História; Educação; Formação.

ABSTRACT

The Formation Center of Catalão Primary Teachers was a space that absorbed for almost 20 years of existence teachers with just elementary education and that looked for to qualify to implement your educational activities, as well as to assist demands of the State of Goiás. In this text, we tried to approach, starting from a book called of Daily Book, where it was printed written personal telling the day by day of the Formation Center, the daily life of the teachers' formation, taking as cutting perspectives, impressions and interpretations of the current activities. It interests us mainly the ordinary and extraordinary representations of that formation.

Keywords: History; Education; Formation.

Desde o renascimento, Deus se retirou do mundo e a escritura não é mais a intérprete do sentido oculto de sua palavra. Assim ela se tornou a grande fabricante, fonte de todo poder.

— LUCE GIARD

ESPREITANDO ESTE FINAL DE SÉCULO XX e tomando como foco a formação com que o sistema escolar brasileiro tem provido milhares de crianças, jovens e adultos no país, vê-se emergir uma imagem pessimista quanto à formação cultural do cidadão. Grosso modo, diz-se que não se forma tendo em vista a multiplicidade cultural do país, nem se promove a cidadania. O cenário é de um explícito não-investimento em educação, apesar da propaganda contrária com a qual o Governo Federal, por meio de seus projetos educacionais como o FUNDEF e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pautados em modelos de escolas privadas e em clientelas de alto poder aquisitivo, vem afirmando estar havendo um investimento racional e objetivo na melhoria do sistema educacional brasileiro (ARELARO, 2000).

Os professores, por sua vez, são levados a se auto-avaliar e a admitir que são mal formados, o que os faz perseguir os caminhos da atualização profissional, voltados não apenas para uma “sólida formação geral”, mas principalmente para o [...] *domínio de recursos tecnológicos avançados que permitam um competente acompanhamento do desempenho dos alunos* (ARELARO, 2000, p. 107-108). Percebe-se, aqui, que a idéia ou representação do que significa uma *sólida formação* sofre mutações. Aposta-se em uma formação controlada, centralizada e fundamentalmente de baixo custo, tendendo a dissolver as obrigações do Estado com a educação e a envolver, criando novas responsabilidades (como os “Amigos da Escola”), a sociedade civil no processo de gestão e formação social.

Em recente entrevista a um grupo de alunas do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão –, o professor Antônio Miguel Jorge Chaud,² com seus quase 80 anos de vida, ao ser indagado sobre a maneira como dava suas aulas de Organização Social e Política do Brasil (OSPB), afirmou que fazia mais uma palestra do que propriamente uma aula. Acrescentou que para ele esse tipo de conhecimento era de extrema importância quase 50 anos atrás e que, hoje, a disciplina Inglês ocupa um lugar privilegiado no interesse dos alunos. O Inglês, ao que parece a Chaud, daria mais futuro ao estudante do que ficar aprendendo coisas da Política, da Sociologia e da História. Sem dúvida, além do Inglês, as novas tecnologias, como a informática, passam a ser

central no perfil do profissional que pretende alcançar um lugar ao sol numa economia de mercado.

É essa formação necessária que interessa. Uma política nacional de educação, que se quer de inclusão, respeitando a diversidade cultural do país e promovendo o debate fraterno e democrático, precisa estar mais atenta às múltiplas experiências históricas de formação profissional pelas quais o país tem passado.

Nessa pauta, está o Educandário localizado no interior do estado de Goiás chamado Centro de Formação de Professores Primários de Catalão (CFPPC).

Compreendendo uma parte da estratégia de planejamento de recursos humanos para o setor da educação (MONTEIRO, 1980, p. 133), o CFPPC, considerado como lugar de cursos experimentais de acordo com a Lei n.º 4.024, de 1962 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), foi oficializado e reconhecido, respectivamente, em 1966 e 1967 (MONTEIRO, 1980, p. 138).

Na perspectiva de atender à carência de professores e de melhorar a baixa qualidade de ensino em Goiás,³ o CFPPC, de acordo com a Lei n.º 6.341, de 1966, deveria funcionar em duas etapas:

À primeira etapa, que terá a duração de dez (10) meses, pelo menos, em regime de tempo integral, poderão se candidatar portadores de certificados de conclusão de cursos secundários de primeiro ciclo, que tenham, no mínimo, dezessete (17) anos completos. À segunda etapa, que terá a duração de dois anos de Prática do Magistério Primário, em escolas do Estado, poderão concorrer, não somente concluintes da primeira etapa (GOIÁS, 1966).

Portador de uma proposta inovadora para a época, o CFPPC habilitou, em 10 anos, de 1964 a 1974, cerca de 817 novos professores (MONTEIRO, 1980, p. 142). É possível dizer que o CFPPC alcançou margens significativas na cultura de formação de professores no sudeste goiano. *Produziu quadros de professores que ainda estão na ativa, ocupando não só cargos de professores, como também de funcionários de secretarias de educação, como é o caso em Catalão.*⁴

A Educação, nesse período, acontecia sob um espírito nacional de superação da marginalidade e desenvolvimento social, segundo Cunha, L. A. (1980, p. 35). É o que se pode perceber no convite da turma de formandos em 1972:

*Nosso lema: educar a criança, pois o verdadeiro órfão é aquele que não recebe educação.*⁵

O CFPPC é, portanto, sublinhado na memória histórica como um acontecimento de grande júbilo local. Em 16 de dezembro de 1973, o Centro teve o seu hino composto por Dener, provavelmente um de seus alunos. Salpicam

ali frases de louvor e adoração por uma instituição que forma mestres, “armas fortes” para defender o país.

Nesta terra em que os raios refletem
Fulgurando e cintilando paz
Ecos fortes de vozes repetem
Nossa escola orgulho de Goiás
Meu Brasil (bis)
Minha Pátria, meu País, minha Nação
Meu Brasil, eu sei que você espera
Por essa gente do Centro de Formação
Os seus braços erguidos proclamam
Esperança valor e saber
E os teus filhos em coro te aclamam
Minha escola o CFPP
Nossos mestres heróis corajosos
Incansáveis a lutar e vencer
Entregando a um país poderoso
Armas fortes para defender
Somos jovens pujantes e autênticos
Nosso sonho é alfabetizar
Ensinar com desejos ardentes
Ajudando o Brasil a se elevar.⁶

O Brasil, que aguarda “essa gente do Centro de Formação”, é desenhado, contraditoriamente, por essas imagens nacionalistas, como um país iluminado por raios de paz, porém carente de soldados da educação, ou seja, de professores alfabetizadores. Há que se notar dois sentidos interessantes nessas linhas do hino oficial do CFPPC. Primeiro, uma constatação, nas entrelinhas, de um Brasil carente de gente alfabetizada. Talvez mais um fio condutor crítico, como lembra o Manifesto dos Pioneiros da Educação de 1932, que vai além do campo educacional (XAVIER, 2002). Trata-se de uma imagem desenhada para repercutir não apenas entre alunos e professores do Centro de Formação. O alcance desejado é o Brasil, a nação brasileira, o *país poderoso*, ávido por elevação, que se poderia conjecturar ser a elevação cultural pela educação. O frêmito educacional do período não deixava dúvidas quanto à necessária relação entre Educação e a busca de um país diferente. O professor Chaud publicou no jornal do Centro uma matéria, na qual se refletia sobre o “Brasil e o Mundo”. Chaud converge suas idéias para o elogio à evolução da economia brasileira, constatada por ele no início de 1970. O país, segundo Chaud, incrementava

suas exportações e a renda *per capita* de seus cidadãos. Filiado a posições de relevo no quadro da conjuntura econômica do país naquele momento, Chaud atribuíra ao futuro o lugar de grandes conquistas.

Com seus 90.000.000 de habitantes e com um programa de *educação racional*, de par com a criação de um mercado de trabalho capaz de atender à procura das grandes massas, tudo faz crer que, dentro em pouco, teremos, para nosso devaneio cívico, diante dos olhos entusiasmados e do coração sensibilizado, a imagem do país dos nossos sonhos.⁷

Percebe-se aqui um veio entre a educação das massas e o uso da razão. Se se toma o lugar de onde Chaud falava, o Centro de Formação, bem como o rumor glorioso conferido a esse educandário na letra do hino do CFPPC, é possível presumir a seriedade e, com isso, as interfaces presentes no cotidiano da formação de professores em Catalão.

Mas, antes de se adentrar nessa seara, deve-se destacar o segundo sentido assinalado nas linhas do hino em questão. Há ali uma visão do Brasil, conferida pelas lentes educacionais, que destaca o contraste entre o atrasado e o evoluído, ou talvez, arriscando aproximações, o contraste entre o civilizado e o bárbaro. Marcos Cezar de Freitas diz que se imprimiu no pensamento social brasileiro uma chave de leitura histórica, na qual o Brasil é representado por um duplo sentido: o bárbaro e o civilizado (FREITAS, 2001, p. 14). Esse sentimento de dualidade, com raízes em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, penetrou fortemente nas imagens produzidas do Brasil por intelectuais da educação brasileira e foi sofrendo reelaborações ao longo do século XX. Na década de 1950, por exemplo, o contraste entre civilização e barbárie foi convertido, principalmente, entre o regional e o nacional. Sobressaíam olhares sobre microrregiões, com uma forte tendência em buscar entender o Brasil do regional para o nacional. No centro das atenções da intelectualidade educacional, o alvo definiu-se como a diversidade cultural brasileira. Manteve-se assim a perspectiva dualista, permeada entre o atraso e o moderno, mas com uma substancial inflexão analítica (FREITAS, 2001, p. 34-35).

Ora, o que interessa aqui, neste momento, é mais assinalar traços que possam ajudar a perfilar essa pujança conferida ao Centro de Formação. Isso está entoadado na possibilidade aberta de lançar ao país, particularmente na região Centro-Oeste, os mestres missionários. É o que diz também a valsa oficial do CFPPC, também composta por Dener em 18 de maio de 1974. No seu primeiro verso, a exaltação da educação promovida pelo Centro:

Ó querido CFPP,
Continue ajudando Goiás
A ser o berço da cultura
Também do amor e da paz
Faça dos nossos mestres
Guias de muita esperança
Pra ensinarem o caminho florido
À nossa amada criança.⁸

Diante de tanto esplendor, interessa, portanto, olhar um pouco mais de perto o dia-a-dia de formação dos professores nesse educandário do interior de Goiás.

Diariamente, alunas e alunos faziam anotações no chamado de Livro Diário. Essas escrituras, reconhecidas como os “acontecimentos do dia” anterior, eram lidas em voz alta, após o almoço. O Livro Diário era um caderno de 32 x 22 centímetros, com capa e contracapa duras, folhas pautadas, em cuja frente e verso o responsável escrevia. Na abertura, primeira página, estava escrita transversalmente, em letras especiais, a palavra “Diário”.⁹ No seu interior, via-se uma seqüência de relatos feitos por alunas, em sua grande maioria, e alunos do Centro. Esses textos assinalavam o transcorrer do dia desde o alvorecer:

Ao alvorecer, cada qual distante do lar, e cada um uma saudade, com suas chamas vivas, bem vivas. Todos nos levantamos para mais um dia de luta, pois todos querem alcançar seu ideal, ideal este que é força que nos anima, nos incentiva e nos diz sempre com uma voz animadora e firme: siga em frente; siga, porque a vida nunca para;

até o anoitecer: [...] *o sono invade impiedosamente nossos corpos; o que nos resta é ir para o paraíso da magia, onde a aventura é dona da festa; tudo são cores, tudo é amor.*¹⁰

O dicionário Houaiss diz que Diário é

[...] escrito em que se registram os acontecimentos de cada dia; periódico que se publica todos os dias; jornal; gasto ou despesa de cada dia; livro comercial de uso obrigatório, em que se registram, dia a dia, todos as operações ativas e passivas do comerciante, e em que se lança, nos períodos próprios, o resultado do balanço; obra em que o autor relata cronologicamente fatos ou acontecimentos do dia-a-dia, consigna opiniões e impressões, registra confissões e/ou meditações, etc; livro em que se registra, dia a dia, a rota de uma embarcação, as distâncias percorridas, as ocorrências da viagem, etc; diário de bordo; registro escrito de memória que se faz cada dia (HOUAISS, 2001, p. 1.032).

Do ponto de vista léxico, é possível dizer que existe uma unidade de sentido entre essas várias possibilidades semânticas, qual seja, a de que Diário está relacionado a algo que se produz cotidianamente. Isso dá a dimensão do poder de penetração que esse Livro Diário oferece no dia-a-dia do Centro de Formação. Em outras palavras, a expectativa é de que esses relatos possam lançar o leitor nos detalhes culturais que qualificavam a formação dos alunos/professores que passaram pelo Centro de Formação.

Entretanto, isto não resolve a seguinte questão: O que era esse Livro Diário e como utilizá-lo, tendo em vista o ordinário e o extraordinário na formação dos professores?

*Caro Diário. Já estava pensando que não teria mais oportunidade de falar com você, porém, felizmente, este dia chegou, é hoje.*¹¹

*Diário, creio não ser preciso dizer-lhe que já estava com muita vontade de falar-lhe. O engraçado é que estava também um pouquinho receosa, pois falar com você não é coisa que acontece todos os dias.*¹²

Vê-se que a relação que os internos tinham com o Diário era de respeito e reverência. A prática de escrever nesse Livro era cotidiana, mas se fazia em rodízio: a cada dia alguém diferente era o responsável pelas anotações dos fatos ocorridos no Centro, ou mesmo pelas impressões e interpretações possíveis de ser suscitadas. Falar com o Diário, o que significava escrever sobre suas folhas, assinando o nome e anotando a cidade de origem, não era apenas um prazer individual, uma espécie de confidência íntima. É possível conjecturar que se tratava também de se fazer reconhecido entre os colegas e as colegas como aquele/aquela que fora responsável e cumprira suas funções escriturárias, literárias e talvez até jornalísticas dos relatos dos fatos do dia que findava. Não se tratava, portanto, de apenas consignar os fatos, mas também de conferir um certo prestígio àquele que ali fazia suas anotações de punho, talvez mais ainda, de prestigiar o próprio Centro de Formação, “orgulho de Goiás”.¹³

O manejo dos fatos, as impressões e representações dos acontecimentos indicavam uma ascensão momentânea da autoridade do relator. Algo fugaz, mas relevante. Essa prática de escrita, uma espécie de aculturação escolar desenvolvida no Centro de Formação, introduzia o relator no seio de um grupo de relatores, todos, alunos e alunas, como se pode constatar nas citações acima, desejosos de “falar com o Diário”, mas também, supõe-se, impondo-se como autoridade na escrita cotidiana.¹⁴ A sociabilidade do grupo estava pautada também nas práticas de escrita nas páginas do Diário. E essa sociabilidade

configurava-se como um palco de tensões.¹⁵ Um jogo, para usar os termos de Norbert Elias, onde a bola da vez era se situar por meio da própria escrita.

Como forma de escrita pessoal, o Diário tem sido resgatado por historiadores na tentativa de imergir no foro privado de determinadas sociedades ou grupos sociais. Segundo Madeleine Foissil, as pesquisas em Memórias, Diários e Livros de Razão visam, sobretudo, [...] *menos a vida privada que a atitude ante a vida privada, e não só a narrativa, mas também os silêncios; não só o discurso, mas igualmente sua aridez ou até sua ausência* (FOISSIL, 1991, p. 331). Maria Tereza Santos Cunha, por sua vez, diz que

[...] descobertos e utilizados como importantes fontes de pesquisa, os diários podem oferecer aos pesquisadores outras e novas versões/representações das práticas individuais, políticas e sociais de uma época, além de revelar interessantes histórias pessoais, cheias de detalhes concretos, e em alguns momentos com o suspense digno de um folhetim! (CUNHA, M.T., 2000, p. 162).

Tomam-se aqui os escritos do Livro Diário na tentativa de revitalizar o cotidiano e as atitudes dos personagens que conviviam no Centro de Formação, professores e alunos/professores, tanto naquilo que estava circunscrito em atividades ordinárias, quanto nas formas escriturárias e representativas extraordinárias que salpicavam as maneiras de dizer sobre o acontecido do dia. Esse Livro Diário permitia acessar sentimentos, subjetividades das alunas e dos alunos que ali, em forma de internato, passavam dez meses em estudos intensivos, procurando qualificar-se.

*O dia estava lindo. O sol, aquecendo-o, parecia penetrar até nossas almas, dando-nos uma sensação de bem estar. Da sala de aula, podíamos observar o quanto é bela a natureza e como são grandes as obras do criador. Com tanta beleza circundando-nos é impossível não sentir-se feliz; é impossível não sonhar. É nessa hora de contemplação que damos livre versão aos nossos pensamentos.*¹⁶

Vê-se uma linguagem contemplativa, mas intrigante. Por que relacionar o dia lindo a felicidade, a sonho? Se o olhar se dirigisse para o lado avesso das frases, poder-se-ia presumir que, se o dia não estivesse lindo, não haveria felicidade, sonho, ou mesmo, que, se essas condições menos climáticas e mais perspectivas não se realizassem, os pensamentos estariam presos, capturados. Mas capturados pelo quê? O duro cotidiano prescrito pelas regras e horas a cumprir? Talvez! Mas há um outro detalhe na citação: a autora projeta sua imagem como se estivesse sentada na sala de aula, olhando através da janela o dia, que estava lindo. O olhar não se originava de um lugar qualquer, mas da

sala de aula. A possibilidade desse olhar não acontecia necessariamente com todos os alunos, o que pode ser constatado pelo uso da palavra “podíamos”, na primeira pessoa do plural. Sendo, então, uma possibilidade, poderia indicar um olhar desatento, principalmente ao que ocorria na sala de aula, como também uma fuga. Até aí não há muita novidade, pois, num ambiente de ensino simultâneo, nem todos estão sintonizados à aula. Entretanto, o que pode ser singular nesse relato é o fato de ele ser lido em público como acontecimento do dia anterior. Estariam todos os alunos observando o “dia lindo” pela janela, ou apenas a autora do relato? Por que dar atenção, no espaço gráfico do Diário, ao olhar contemplativo, ao invés do conteúdo da aula?

Por outro lado, ainda como forma de escrita pessoal, os diários indicam uma prática na intimidade, [...] *onde é possível estar emocionalmente nu e formalmente decomposto* (CUNHA, M. R., 2000, p. 159). Jean Hebrad delimita o campo das escrituras pessoais entre duas abordagens: uma, na qual o relator apresenta uma [...] *genealogia da preocupação consigo mesmo e busca nas primeiras formas de escritura pessoal menções de uma atenção, específica daquele que escreve, a tudo o que diz respeito a ele próprio*; outra, na qual o relator apresenta uma [...] *sensibilidade em relação ao tempo que passa e nos esforços do escritor para dele construir uma representação e uma memória* (HEBRAD, 2000, p. 30).

É preciso aqui delimitar um campo conceitual do Livro Diário. Destaca-se que há várias abordagens para essas formas de escrita, apontadas principalmente no interior de uma historiografia da educação que verga suas análises para o campo cultural, cotidiano, e que tem os sujeitos como foco de preocupação. São tratadas, portanto, como formas confessionais, narrativas voltadas para dentro, escrituras cotidianas, escritos íntimos em evidência, cultura escrita de cunho privado, escrita autobiográfica, ego - documentos, ou mesmo literatura auto-referencial. Esses nomes referem-se em geral a escritos individuais, ou mesmo a cadernos (diários pessoais). No caso do Livro Diário, há um aspecto singular: são vários testemunhos individuais reunidos num único espaço escriturário.¹⁷ Uma forma de escrita de si para o outro. Não um outro qualquer, exclusivamente leitor, mas um outro que também escreve no mesmo espaço gráfico.

Dessa forma, o Livro Diário emerge como um mundo desconhecido, um lugar extraordinário de relatos, cujas folhas serviram de registro de observações, reclamações, exclamações sobre o dia-a-dia da formação de professores, no Centro de Formação de Professores Primários de Catalão. Em relevo, portanto, formas culturais de identificação de uma instituição de formação de professores, pautadas pelo olhar de suas alunas e alunos, professores em qualificação.

Mas o que era o dia-a-dia, ou o que compunha a vida cotidiana no Centro de Formação? Essa é uma questão que não tem uma única resposta, pois cada diário, ou seja, cada composição diária dos acontecimentos progressos, investia numa forma de ver o dia que havia passado. Porém é possível agrupar alguns, reunir outros, criando conjuntos semelhantes na maneira de ver/escrever sobre o dia anterior. De qualquer forma, é possível dizer que as horas eram demarcadas pelas atividades executadas durante o dia.

De maneira geral, o dia começava bem cedo no Centro de Formação.

*Às 6h40min todos os bolsistas se dirigiram para o refeitório, todos com sorriso nos lábios, pela felicidade que a vida nos proporciona, abrindo uma nova página deste livro.*¹⁸

A maioria dos relatos indicava que o acordar cedo estava relacionado a estar no refeitório para o café da manhã, às 6h45min. Essa refeição, o almoço e o jantar eram atividades coletivas, o que implicava necessariamente que a hora de acordar fosse também coletiva, *o despontar do sol era presenciado por todos*,¹⁹ pois todos deveriam estar fazendo a primeira refeição exatamente no mesmo horário.

Após o café da manhã, os alunos e alunas dirigiam-se ao Pavilhão de Estudo, ou Pavilhão de Curso, como era chamado. Nesse período, eles assistiam a 3 aulas. As disciplinas variavam entre Matemática, Linguagem, Português, Estudos Sociais, Educação Artística, Ciências, Educação Moral e Cívica, Administração Escolar e Educação Física.²⁰

Às 11h40 min, todos se reuniam novamente no refeitório para almoçar. Nos meses de junho e julho de 1970, foi possível perceber que, durante o almoço, havia música ambiente no refeitório. Nos relatos a partir de agosto, não foram registradas referências à presença de música durante o almoço, mas houve reclamações quanto à sua ausência. Ocasionalmente, alunos e alunas faziam suas refeições na cozinha, pois o refeitório era aberto a alunos de outras cidades, que vinham a Catalão para participar de algum evento na cidade.

Das 12 às 13 horas, anotava-se um período de repouso. Era comum ler referências à ida ao dormitório, para o devido descanso. Das 13 às 17h10 min, aproximadamente, havia o segundo turno de aulas no Pavilhão de Estudo.

O jantar era servido às 18 horas. Às 22 horas [...] *tudo se torna belo, é hora de dormir e sonhar, o sono domina tudo. Vou dormir e sonhar com o dia de amanhã que talvez seja mais belo e mais movimentado. Boa noite.*²¹ O período entre 18 e 22 horas não era necessariamente um momento de atividades coletivas. Havia aqui atividades de trabalho, coletivas e individuais, reuniões como a do Clube de Leitura, saídas do Centro para o cumprimento de alguma tarefa na cidade.²²

Aos sábados, algumas alunas recebiam visitas de seus namorados, o que não era irrelevante nas anotações sobre o sétimo dia da semana. Havia também, eventualmente, bailes nos clubes da Cidade, aos quais alunas/alunos do Centro se faziam presentes.

É possível perceber uma certa demarcação de valor quanto às atividades realizadas durante o dia. Tratava-se de habilidosas passagens durante as quais a vida ordinária dos estudos era preterida pelos extraordinários momentos de vivência coletiva.

*Como todos os dias, nos dirigimos ao Pavilhão de Estudos, logo após o café, onde assistimos a quatro aulas. E eis que chega o momento esperado por todos: o almoço.*²³

Delineava-se assim um quadro que prefigurava uma tendência de valor maior aos fatos extraordinários, distantes da ordem das tarefas corriqueiras, aos ordinários, regulados antecipada e explicitamente. Essa tendência manifestava-se na disposição da escrita, nas formas de se referir às atividades do cotidiano.

Em 17 de junho de 1970, a aluna responsável pelo Diário começou suas anotações com o seguinte pensamento: *O viver, em união com o amor, é um paraíso, um hino de louvor, aos homens, ao mundo, a mocidade em flor.*²⁴ O amor era um tema recorrente nos relatos: amor a Deus, aos pais, aos irmãos, aos amigos, aos colegas de turma, aos professores, entre outros. Logo em seguida a aluna dava início a seu relato:

*Meu diário, hoje o meu desejo é dizer-te tudo que me vai n'alma. Tendendo para a realidade, com um pouco de sonhos, transcrevo para tuas páginas sentimentos do âmago do coração. Tu sabes o que de bom e ruim acontece na vida, porém não estás no coração de cada um. Tu sabes que viver é fazer parte de um mundo grande, é sofrer as amarguras da vida, é sonhar, é desejar mil coisas fantásticas, é amar, é renunciar, é bendizer as coisas amadas. Amar é sacrificar, é a vida consagrar àqueles mais necessitados de carinho. Ama, dedica tua vida a alguém. A vida é amor, é sacrifício, abnegação. Quem ama sofre, quase que fenece, porém, quem não ama nada sente, porque não tem coração. Amo o céu, as árvores, as flores, amo a tudo que na terra existe. Amo o estudo, o trabalho que florescem, que dão sentido à minha, às nossas vidas. Em especial amo este dia, risonho, colorido, aquecido pela doce claridade do sol, que clareia nossas alunas, dando um toque de vida que é também amor. Este dia, para mim, não será esquecido. Sabes? Coisas há e até demais para dizer-te.*²⁵

Assim a autora introduzia sua forma de ver o dia que rompia. De início, uma contradição, ao dizer que veio expor tudo o “que vai n'alma”, no lugar dos acontecimentos escolares. Essa prática de escrita, que explora os sentimentos do eu, era marcante, principalmente no início dos textos diários. E mais, a

descrição da realidade não se pautava pelos afazeres das horas, mas dos “sentimentos do âmago do coração”.

O Livro Diário é uma espécie de destino dos “refúgios do eu”. Cumpre ressaltar também as referências subjetivas que a autora fazia ao o que é viver.

Viver é fazer parte de um mundo grande, é não estar sozinha. Viver é sofrer e renunciar, mas também é sonhar e amar incondicionalmente.

Conceituar a vida entre sacrifício e sonho sugere que realmente não era tranqüila aquela estadia de dez meses internada no Centro de Formação para se qualificar. Além da saudade dos entes queridos, a jornada de trabalho estudantil era pesada, o que se presume ao constatar que as alunas e os alunos acordavam por volta das 5h30min da manhã e iam para o dormitório às 22 h. Entre aulas e refeições, a dura disciplina do cumprimento das atividades em geral.

Depois, então, de tergiversar sobre os fatos da alma, a autora assinalava que havia muitas coisas a dizer ao amigo Diário.

Dei hoje, pela primeira vez, uma aula de matemática às crianças do Grupo de Aplicação. Não imaginas como nos sentimos ao darmos esse passo. É o início, bem sei, porém deixa-me contar-te as nossas verdadeiras emoções. Deixa-me expressar-te o nosso contentamento. É isto uma glória para nossa vida, um degrau que galgamos no presente para se somarem aos muitos outros no futuro. Nunca nos sentimos totalmente realizados, pois os homens em grande movimento continuam suas invenções dando sempre continuação à evolução. Estudos Sociais, Linguagem e Administração Escolar foram as outras aulas que tivemos hoje. Saímos mais cedo no período da tarde, pois teve reunião dos professores. Sabes? Este dia foi muito movimentado! Houve eleição para os candidatos à nova diretoria da Lojinha. Logo à noite, após nossa última refeição, fomos assistir ao jogo do Brasil com o Uruguai, e como era de se esperar o nosso grandioso Brasil mais uma vez saiu vitorioso, mais uma vitória do nosso amado povoão. A alegria nos transformou jubilosos pela vitória; sentimo-nos donos do mundo.²⁶

Eis então os fatos que falam alto, não na alma, mas no corpo, supõe-se: os estudos. O Grupo de Aplicação funcionava noutro pavilhão, dentro do Centro de Formação, e era o local onde os alunos/professores praticavam tudo aquilo que haviam aprendido. Esses estágios eram considerados tanto como glória quanto como apenas um degrau na ascensão na carreira docente. É possível perceber uma diferença entre uma prática escolar, o estágio, por exemplo, que deveria vir acompanhado por críticas e sugestões dos professores orientadores, o que provavelmente deixava o estagiário aflito, nervoso e inseguro, e entre outras atividades não ordinárias, como eleições para a Lojinha e o jogo do

Brasil com o Uruguai. O Brasil estava em plena Copa do Mundo, é verdade, mas, mesmo assim, a alegria desmesurada das atividades extra-sala não deixava de ser uma interrogação aos modos e atitudes diante do sistema interno de ensino-aprendizagem.

*Sim, querido diário, é por isso que amo esta vida, porque, apesar dos desprazeres, ainda nos proporciona momentos de alegria e felicidade. É noite, tudo em silêncio, a cidade dorme. Findo, então, lançando um grito de amor ao mundo... Boa noite, até nosso próximo encontro!*²⁷

Está aqui novamente a referência ambígua aos sentimentos relacionados à vida no Centro de Formação. Os momentos de alegria e felicidade, irrupções que insistem em marcar presença na escrita cotidiana, que, à primeira vista, poderiam ser uma marca nos relatos do Livro Diário, são, entretanto, frestas sentimentais diante dos desprazeres vivenciados no cotidiano. Há uma inversão de graus nesses relatos. O explícito, demarcado principalmente pelas longas introduções, pensamentos do dia que apareciam no final da grande maioria dos relatos e que anunciavam rebates de contentamento, parece não corresponder ou não se aproximar do peso dado ao que estava implícito, a carga de sofrimento que se revelava nos interstícios discursivos, nas margens dessa escrita cotidiana.

Demarca-se assim, a presença de um grande ausente: os saberes e métodos que constituíam o dia-a-dia escolar do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão. No lugar dos métodos e conteúdos de aprendizagem, o que inicialmente se pressupunha dominar as páginas do diário, uma paisagem sentimental, um mergulho nas intempéries do eu. Esse Livro Diário do CFPP de Catalão, entretanto, não se restringia a uma identidade cartográfica dos refúgios do eu. Dada sua produção coletiva e por rodízio, ele se mostrava sobretudo como um refúgio do “Nós”. Uma forma de *por em ordem os atos dispersos da existência* (HEBRAD, 2000, p.39).

Certeau diz que a prática escriturística passou a ser, na modernidade, a prática iniciática fundamental de formação da criança. Ao analisar o *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, como um dos raros mitos que a modernidade conseguiu criar, afirma que [...] *foi quando Crusoe decidiu escrever seu diário que [...] deu início a seu trabalho capitalista e conquistador, de garantir assim um espaço de domínio sobre o tempo e sobre as coisas, e de constituir-se assim, com a página em branco, uma primeira ilha para aí produzir o seu querer* (CERTEAU, 1994, p. 224). No espaço gráfico do Livro Diário delineiam-se múltiplos querereres. A escritura no papel coloca em suspenso o que se estaria inscrevendo no corpo dos alunos do Centro de Formação.²⁸

Querido diário, hoje eu vou contar uma linda estória: era uma vez, em uma cidade bem distante, um colégio com o nome de CFPP.²⁹

Assim, vergava sobre as folhas do Livro Diário um conjunto de valores que se distribuía nos Pavilhões, Dormitórios, Refeitório, enfim, nos cenários de formação de professores no sudeste goiano.

NOTAS

¹ Parte deste texto foi aceito para ser apresentado no II Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado no período de 3 a 6 de novembro de 2002, em Natal-RN.

² O professor Antônio Miguel Jorge Chaud trabalhou no Centro de Formação de Professores Primários de Catalão por mais de 10 anos.

³ Além do Centro de Formação de Catalão, houve ainda outras experiências em Morrinhos, Tocantinópolis e Inhumas, todos convertidos em experiências de formação de professores por convênios entre MEC-INEP/UNICEF/UNESCO e o Estado de Goiás (MONTEIRO, 1980).

⁴ Ver HONÓRIO FILHO, Wolney. *Diário de mundo escolar*. Texto apresentado no IV Congresso Luso Brasileiro de História da Educação: o oral, o escrito e o digital na História da Educação, realizado no período de 2 a 5 de abril de 2002, em Porto Alegre-RS.

⁵ Ver SILVA, 2002, p. 9.

⁶ Hino Oficial do CFPP de Catalão, Goiás. 16 de dezembro de 1973. Composto por Dener.

⁷ CHAUD, Antônio Jorge Miguel. O Brasil e o mundo. *Jornal O 15 de Outubro* do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, Goiás, n. 2, p. 1, 1970 (Grifos nossos).

⁸ Valsa Oficial do CFPP de Catalão, Goiás. 18 de maio de 1974. Composta por Dener.

⁹ Este livro a que faço referência traz as anotações de 10 de junho de 1970 (Diário 91) a 10 de abril de 1971 (Diário 34). É interessante ressaltar que, na página onde se iniciam as anotações do ano de 1971, abre-se uma capa com o título *Nosso Diário*. Obs.: Não conheço ainda os volumes dos outros anos.

¹⁰ Diário do CFPPC, n.º 133, p. 43, 15 ago. 1970.

¹¹ Diário do CFPPC, n.º 131, p. 41, 13 ago. 1970.

¹² Diário do CFPPC, n.º 132, p. 42, 14 ago. 1970.

¹³ Passagem do Hino Oficial do CFPP de Catalão, Goiás. 16 de dezembro de 1973. Composto por Dener.

¹⁴ Roger Chartier constata que o manejo da escrita como imposição de uma autoridade estava presente já no século XVI, quando era utilizada para veicular as decisões da justiça e outros fatos do Estado Monárquico. Ver CHARTIER, 1991, p. 123-124.

¹⁵ O termo configuração significa “padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores”. O autor refere-se ao exemplo de 4 jogadores jogando cartas - não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das ações nas relações que sustentam uns com os outros (ELIAS, 1970, p. 142).

¹⁶ Diário do CFPPC, n.º 126, p. 435, 8 ago. 1970.

¹⁷ Isto poderia assemelhar-se ao que Jean Hebrad chama de “Caderno de Rodízio”, mantido a cada dia por uma criança diferente, quando resgata a importância do caderno tanto para a história escolar quanto para o trabalho escolar da escrita (HEBRAD, 2001, p. 121).

¹⁸ Diário do CFPPC, n.º 125, p. 433, 7 ago. 1970.

- ¹⁹ Diário do CFPPC, n.º 126, p. 435, 8 ago. 1970.
- ²⁰ Até o momento, não conseguimos visualizar outros títulos de disciplinas oferecidas no Centro.
- ²¹ Diário CFPPC, n.º 100, p. 11, 19 jun. 1970.
- ²² O CFPPC localizava-se fora da cidade. O acesso, na época, era por estrada de terra, apesar de a distância ao centro de Catalão não ter mais do que 10 km.
- ²³ Diário CFPPC, n.º 139, p. 50, 21 jun. 1970.
- ²⁴ Diário CFPPC, n.º 98, p. 8, 17 jun. 1970.
- ²⁵ Diário CFPPC, n.º 98, p. 8, 17 jun. 1970.
- ²⁶ Diário CFPPC, n.º 98, p. 9, 17 jun. 1970.
- ²⁷ Diário CFPPC, n.º 98, p. 10, 17 jun. 1970.
- ²⁸ Faço aqui um trocadilho, referindo-me à idéia de que “os pergaminhos e os papéis são colocados no lugar de nossa pele e que, substituindo-a, durante os períodos felizes, formam em torno dela uma vala protetora” (CERTEAU, 1994, p. 232).
- ²⁹ Diário CFPPC, n.º 99, p. 10, 18 jun. 1970.

REFERÊNCIAS

- ARELARO, Lisete Regina Gomes. Resistência e submissão: a reforma educacional na década de 1990. In: KRAWCZYK, Nora; CAMPOS, Maria Malta; HADDAD, Sérgio. (Org.). *O cenário educacional latino-americano no limiar do século XXI: reformas em debate*. Campinas: Autores Associados, 2000. (Coleção Educação Contemporânea).
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Reed, por Luce Giard. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger As práticas da escrita. In: _____. (Org.). *História da vida privada 3: da renascença ao século das luzes*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. cap., p.113-162.
- CUNHA, Luiz Antônio. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p.159-180.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Tradução de Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1970. (Coleção Espaço da Sociologia).
- FOISIL, Madeleine. A escritura do foro privado. In: CHARTIER, Roger (Org.). *História da Vida Privada 3: da renascença ao século das luzes*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 331-370.
- FREITAS, Marcos Cezar. *História, antropologia e pesquisa educacional: itinerários intelectuais*. São Paulo: Cortez, 2001.
- GOIÁS (Estado). Lei n.º 6.341, de ___ de agosto de 1966. *Diário Oficial [de] Goiás*. Goiânia, 22 ago. 1966.
- HEBRAD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escrita pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 29-62.

_____. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX e XX). *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 115-142, 2001.

HOUAISS, A.; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.1.032.

MONTEIRO, Margarida Maria de Jesus. *Mecanismos do planejamento educacional brasileiro: sua implantação no estado de Goiás*. Goiânia: EDUFG, 1980.

SILVA, Reila Terezinha da. *O barquinho amarelo e os métodos de alfabetização no CFPPC*. 2002. Monografia (Especialização em Alfabetização) – Curso de Pós-Graduação em Alfabetização, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2002.

XAVIER, Libânia Nacif. *Para além do campo educacional: um estudo sobre o manifesto dos pioneiros da educação nova (1932)*. Bragança Paulista: EDUSE, 2002.